

A História Está Errada?

Uma reflexão sobre a obra *A História Está Errada* de Erich Von Däniken

Por Pedroom Lanne – Escritor

Introdução

Quem assistiu ao filme *Indiana Jones e a Caveira de Cristal* (Steven Spielberg. EUA – Lucasfilm, 2008) e é um estudioso ou simples curioso em relação a uma teoria que veio a ser conhecida como *Os Astronautas Antigos* – especialmente por uma série de vídeos-documentários veiculada mundialmente pelo canal televisivo *History*, no Brasil intitulada *Os Alienígenas do Passado* –, tem perfeita ciência de que, quando se trata da busca por uma evidência arqueológica, pista ou por qualquer artefato que revele um contato extraterrestre com civilizações pré-históricas, nesse campo, Erich Von Däniken é o nosso *Indiana Jones*. Esse é o *Graal* que Däniken dedica uma vida de estudos e pesquisas em busca de: a revelação da verdadeira origem e natureza daqueles a quem chamamos de *deuses*. Uma pesquisa que nasce pelo olhar científico sobre o mais mítico dos conhecimentos: os textos sagrados; que parte da compreensão de que as *bíblis* de diversas religiões contêm ensinamentos repassados por *alienígenas* – daí o termo que intitula o programa do canal *History*. A obra *A História Está Errada* (São Paulo-SP, Ide@: 2013) é mais um capítulo dessa jornada de Däniken.

Antes de partirmos para esta reflexão, vale esclarecer quem é o pesquisador e quem é o curioso por aqui. O pesquisador, evidentemente, é Däniken, o nosso Indiana Jones. Um suíço submetido à educação religiosa em sua juventude, época que datam seus estudos dos textos bíblicos judaico-cristãos e de quando passou a compreendê-los sob a perspectiva da teoria dos astronautas antigos. Uma perspectiva que lhe fez expandir seus estudos religiosos aos campos científicos da astronomia, arqueologia e, principalmente, ao que coincide com o título da obra em questão: a história; além de, considerando o seu objeto de pesquisa, também percorrendo áreas classificadas como *paraciência* (ciência paralela a outros campos estabelecidos), especialmente a *ufologia*. Desde então, Däniken desenvolve sua carreira como escritor focando suas pesquisas na ciência que vem ao encontro de seu objeto, um trabalho de uma vida inteira que o leva de um lado ao outro do mundo na busca de conhecimentos e possíveis evidências que elucidem ou corroborem sua tese. Do aprofundamento nos estudos bíblicos de várias religiões, especialmente as hindus e egípcias, viagens por diversos museus, observatórios e sítios arqueológicos ou de interesse relacionado, passando pelas pirâmides do México e Egito, ruínas incaicas e indianas, além da análise de inúmeros artefatos e mensagens dos povos antigos, dos quais se vale para embasar e argumentar a favor da veracidade de suas ideias ao longo das inúmeras publicações. Däniken traça sua jornada como o autêntico Indiana Jones da vida real em busca da caveira de cristal deixada na Terra há muitos milênios.

E o curioso não poderia ser outro se não, entre outros milhares, o autor do presente artigo. Quem não tem pretensão alguma de contradizer, reafirmar ou negar as hipóteses de Däniken com qualquer propriedade científica, apenas refletir a respeito e aproveitar a oportunidade para compartilhar os questionamentos oriundos da busca pela compreensão dos conhecimentos contidos na obra em questão. É também preciso enfatizar que este artigo trata apenas da obra de Däniken mencionada em seu título, ou seja, é uma análise isolada do contexto maior de sua completa bibliografia, que inclui pelo menos 30 livros, inúmeros artigos

e incontáveis participações em documentários, expedições e projetos de pesquisa relacionados com os temas que estuda, assim sendo, o presente texto jamais pode ser considerado como uma contribuição ou mesmo uma crítica *válida*, se é que esse termo exista, à vida ou a obra do autor – até por que não queremos bancar os *charlatões*, este que é um dos tópicos longamente abordado por Däniken em *A História Está Errada*. Cabe ao pesquisador embasar e compartilhar seus estudos em fatos, e aos curiosos e interessados, a menos que se engaje em alguma pesquisa científica, se ater àquilo que lhes cabe, o que aqui se pretende fazer: exercitar os pensamentos pela leitura e análise do livro.

O livro

Em *A História Está Errada*, Däniken retoma objetos e aspectos que tem sob foco desde o princípio de suas pesquisas e as primeiras publicações entre as muitas que escreveu, isto o leva de volta ao passado lembrando uma ocasião em que esteve visitando uma suposta ruína escondida em uma série de cavernas no Equador, onde uma biblioteca de metal esconde ensinamentos originalmente deixados em posse dos povos antigos, o povo hebreu especificamente, tal achado seria uma evidência do contato desse povo com os astronautas antigos. A expedição não logrou encontrar a biblioteca escondida, um pequeno fracasso que custou ao nosso Indiana Jones muitas críticas ao seu trabalho e o crédito de *charlatão*, de escritor sensacionalista. Isto esclarecido, se compreende por que ao retomar o assunto que em algum momento manchou sua reputação, Däniken busca dar uma resposta aos que lhe vem desacreditando e refutando suas pesquisas ao longo do tempo, talvez seja por isso que, em grande parte, *A História está Errada* se imponha de tal maneira, incluindo o título que contém uma das partes correspondente a metade do conteúdo do livro: *Desmascarando os Charlatões*. Como o próprio Indiana Jones em suas aventuras, Däniken também tem os seus concorrentes e opositores que tentam desacreditar ou usurpar suas descobertas no intuito de impedir que alcance o sua caveira de cristal, sendo este um aspecto que ele comenta, como um desabafo, ao longo de toda a obra, incluindo a crítica aos clérigos religiosos que contestam piamente qualquer associação de suas doutrinas com a teoria dos astronautas antigos.

Na volta ao passado a sua excursão no Equador, o passaporte de Däniken se consiste em um manuscrito que veio a tona por volta da metade do século XIX por parte de um livreiro lituano chamado Michal Vojnicz: o *Manuscrito Voynich* (sobrenome de Vojnicz em inglês). Tanto a origem, o conteúdo ou mesmo o autor desse manuscrito, que teria sido adquirido pelo livreiro em um colégio jesuíta ao norte de Roma, permanecem um mistério. Supostamente, o autor do manuscrito seria Roger Bacon, frade e filósofo inglês do século XIII, que teria redigido seu conteúdo em códigos criptográficos para evitar sanções da igreja católica e a Santa Inquisição. Embora esse manuscrito nunca tenha sido completamente decifrado, tão pouco apurada a autoria de Bacon, ele contém ilustrações e glifos que, segundo as suposições de Däniken, seriam um índice ou um tipo de chave criptográfica para se traduzir o conteúdo da biblioteca de metal escondida no Equador.

A evidência que relaciona o manuscrito com a biblioteca de metal leva o nosso Indiana Jones até o Padre Carlo Crespi (falecido em 1982), vigário de uma igreja católica em Cuenca, Equador, na qual uma rara coleção de artefatos em pedra e bronze apresenta alguns desenhos

muito semelhantes aos encontrados no *Manuscrito Voynich*. Especulando se ali não se encontra a chave para encontrar a biblioteca de metal, Däniken questiona:

“A peça mais louca que Crespi me mostrou, porém – e, segundo o próprio homem, ela provinha de uma biblioteca subterrânea de metal (...) – foi um painel de metal dourado com 56 quadrados, cada quadrado apresentando um caractere que parecia ter sido estampado no metal. Alguns desses símbolos apresentam uma similaridade estranha com os símbolos do *Manuscrito Voynich*. Será que esse painel poderia ser a Pedra da Roseta para decodificar o *Manuscrito Voynich*?” (Däniken, 2013: 31).

A resposta, entretanto, permanece indefinida, por outro lado, um olhar mais atento ao texto cifrado no manuscrito, para Däniken, ele contém elementos que ligam seu conteúdo ao *Zodiaco* e a constelação de *Plêiades*: dois elementos fundamentais básicos de várias literaturas e crenças antigas em sua relação com os deuses. Uma ilustração cujos símbolos emparelham nosso Indiana Jones com passagens de textos hebraicos coincidentes com o elemento central que evidencia a biblioteca de metal como peça chave na tese defendida pelo autor – *Sim, Eram os Deuses Astronautas*, título de outra obra do autor (EUA, Vega Books: 2001) – e, o mais importante, revela o suposto personagem autor dos escritos metálicos.

O astronauta

²²E andou Enoque com Deus, depois que gerou a Matusalém, trezentos anos, e gerou filhos e filhas. ²³E foram todos os dias de Enoque trezentos e sessenta e cinco anos.

²⁴E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou” (Gênesis, capítulo 5).

No que tange o mais estrito sentido da teoria dos *astronautas antigos*, para Däniken, o seu astronauta é o personagem bíblico *Enoch*. Segundo a hipótese que sustenta, Enoch é o primeiro homem ou grupo de homens que viajaram pelo espaço escoltados pelos “deuses”, ou seja, pelos alienígenas que contataram nossos povos ancestrais, no caso, o povo hebreu. O uso de Enoch no plural é necessário por existirem múltiplas referências suas no texto bíblico em diferentes momentos, descrito como um “um rei acima de todos os homens que reinou por 243 anos” (Däniken, 2013: 43). Há quem considere Enoch uma linhagem familiar de várias gerações ou, como interpretam os cabalistas judaicos, se trata de um símbolo do povo de Israel que figura no período pré e pós o grande dilúvio – outra explicação (de base einsteniana) sob o óculo dos astronautas antigos seria que, ao embarcar e viajar com os alienígenas, a relatividade do tempo fez com que Enoch retornasse séculos no futuro em relação ao período que partiu. Reconhecidamente, Enoch aparece nos urtextos judaicos, um conjunto de livros anexos ao Torá conhecido como *apócrifos*, que fazem parte da literatura hebraica não catalogada no antigo testamento da bíblia convencional judaico-cristã.

Dentre os pensamentos de Däniken, o livro de Enoch é a perfeita descrição de um contato alienígena, sua história apresenta similaridades e correspondências com diversos outros textos e personagens correspondentes a inúmeras religiões ou achados arqueológicos que o autor correlaciona ao longo não só do livro em questão, mas por toda sua bibliografia. Este artigo resume-se ao *filé mignon* que tange Enoch e sua relação com a biblioteca de metal escondida no Equador, o *Manuscrito Voynich* e o painel do padre Crespi, estas que são as palavras-chave ou pistas principais que o nosso Indiana Jones persegue para atender a hipótese de que a

biblioteca contém ensinamentos repassados para o astronauta Enoch diretamente dos alienígenas. Enoch, assim como o povo de sua época, desprovia de um conhecimento capaz de compreender a cientificidade daquele contato, restando apenas interpretá-lo e descrevê-lo como divino. Pelas passagens bíblicas destacadas por Däniken em seu livro, Enoch pode ser interpretado como uma espécie de emissário do povo hebreu, quem teve o privilégio de intermediar o contato com os deuses-alienígenas, embarcar em sua nave, conferenciar diretamente com “Deus” – o alienígena que aparentemente chefiava a nave – e viajar pelas estrelas ao lado dele. Não obstante, pelos “deuses” foi incumbida a tarefa de registrar os ensinamentos lhe repassados, assim, muito mais que retratar o que vivenciou junto dos alienígenas, coube a Enoch a tarefa de gravar os conhecimentos ditados pelos mesmos através de painéis confeccionados em metal, esses que, segundo o mapa do tesouro percorrido pelo nosso Indiana Jones, compõem a biblioteca escondida no Equador. Seguindo essa linha investigativa proposta por Däniken, considerando o contexto religioso de seu astronauta (Enoch), há de se esclarecer que, por diferentes vieses interpretativos, tanto o nosso Indiana Jones quanto os cabalistas enxergam as escrituras como uma narrativa histórica e não como mito, basicamente se diferenciando pelo primeiro buscar um prisma mais científico ao interpretar as escrituras antigas como um contato alienígena, enquanto os segundos se valem da fé para descrever a Cabala como uma revelação de Deus ao homem através do Torá – a escritura fundamental que marca o surgimento e a identidade do povo hebreu –, que contém os mandamentos judaicos. Assim, independentemente da natureza divina ou extraterrestre, uma das questões em jogo em relação à Enoch levantada por Däniken, especula se a biblioteca de metal escondida no Equador não seria o Torá propriamente dito, uma parte ou cópia antiga do mesmo.

Nesse ponto, o leitor deve estar se perguntando como um texto gravado por um hebreu, povo que habitava a região do oriente médio durante o período anterior ao dilúvio, foi parar em uma caverna no Equador. Bom, é aí que o nosso Indiana Jones esbarra em um obstáculo comum ao personagem da tetralogia cinematográfica: os seus *concorrentes*. E se na série cinematográfica Indiana Jones enfrenta conspiradores nazistas ou comunistas, Däniken enfrenta os “conspiradores” mórmons.

Os antagonistas

Todas as religiões possuem seus livros e suas origens, no caso dos mórmons, seus fundamentos remetem a um personagem chamado Jared, filho daquele que seria o último Enoch – “o sétimo patriarca” (Däniken, 2013: 52) –, e coube a esses descendentes assegurar a preservação desses conhecimentos, e que, baseando-se nesses próprios ensinamentos, teriam construído barcos de madeira e viajado até a América onde os esconderam. No entanto, não fica claro se o que foi ocultado em uma caverna no Equador são as lâminas de metal originalmente grafadas por Enoch, uma cópia ou mesmo uma escritura traduzida das mesmas. A descoberta dessa biblioteca poderia esclarecer a veracidade da história, mas, ao contrário dos filmes hollywoodianos, nos quais o herói vence seus antagonistas e encontra o tesouro, na vida real o nosso Indiana Jones chega atrasado, o Graal termina nas mãos de seus opositores e a verdade permanece um mistério. Uma excursão capitaneada pelos mórmons em 1968 teria estado no local anos antes de Däniken, especulando-se que teria encontrado e retirado as gravuras de Enoch de seu esconderijo milenar, entretanto, essa parte da aventura de nosso

Indiana Jones acaba fugindo um pouco da hipótese que norteia sua busca, a questão que intitula um de seus títulos mais populares: *Eram os Deuses Astronautas?* (EUA: Souvenir Press, 1969), e se envereda pelo campo das conspirações, entre as quais, os mórmons aparecem como uma autêntica sociedade maçônica protegendo o segredo do cálice sagrado; de tribos indígenas, pajés ou gurus que contam ou mantêm segredo de antigas lendas e charlatões que clamam o achado ou desdenham da existência das ruínas que escondem a biblioteca de metal – incluindo um expedicionário equatoriano que teria estado no local e levou nosso Indiana Jones até a entrada da caverna da biblioteca, mas que, posteriormente, veio a se descobrir se tratar de outra caverna ou outro acesso que não se relacionava a excursão original do equatoriano ou mesmo a realizada pelos mórmons, além de alguns relatos do fundador da religião afirmando ter estado no local e visto a biblioteca ainda no século XIX.

Pensamentos e questionamentos

Com o foco direcionado ao que nos propusemos abordar neste artigo logo em sua introdução, o que importa para esse texto reflexivo não gira em torno do ônus da prova, ou seja, se a biblioteca de metal existe ou não, ou se o *Manuscrito Voynich* e as peças do padre Crespi são referências dessas escrituras metálicas. Interessa-nos a direta interpretação dos urtextos bíblicos que contam a história de Enoch e as passagens que evidenciam seu contato e a viagem ao lado de seres alienígenas conforme a linha de pensamento seguida por Däniken, ou seja, a sua relação com a tese dos astronautas antigos. Depois de dissertar sobre o assunto ao longo de seu livro, o autor lista quais são as passagens bíblicas do próprio Enoch que evidenciam seu contato com alienígenas:

“Deixe-me recapitular:

- Dois extraterrestres (“semelhante aos quais nunca vi na Terra”) desinfetam Enoch com uma pasta maravilhosamente perfumada e o vestem com roupas novas.
- Eles o levam para uma nave-mãe.
- Ele aprende a escrever e lhe é dada uma ‘caneta de escrita rápida’. Muitos livros são ditados a ele.
- Antes dele finalmente deixar a Terra, passa esses livros para seu irmão e filhos ‘para as gerações após o dilúvio’.
- Os livros de Enoch são escondidos (...); outros foram para Labão (...).
- A um dos irmãos de Enoch é dada a tarefa – por um ‘Deus’ não identificado – de recuperar os painéis de metal que estavam com Labão.
- Este grupo chama a si mesmo de Jareditas – os descendentes de Jared, pai de Enoch.
- O ‘Senhor’ ajudou-os a construir barcos fenomenais ‘não à maneira dos homens’; mãos sobre uma bola misteriosa, que pode falar e produz fotos holográficas, bem como 16 ‘pedras brilhantes’.
- Os Jaredistas alcançam a América, junto com suas antigas escrituras em painéis de metal (...)” (Däniken, 2013: 177).

Estes são os tópicos principais destacados pelo autor, no título em questão, ao embasar sua defesa em prol da teoria dos astronautas antigos. Entretanto, ao longo do livro e de sua obra

completa, existem diversos outros textos e artefatos, além do manuscrito e as relíquias supracitadas neste texto, que se alongariam por páginas e páginas se fossem listados.

Refletindo-se brevemente sobre os tópicos acima sumarizados, nota-se que não há grande evidência no texto de Enoch ou nos artefatos destacados pelo autor que possam corroborar de forma contundente suas afirmações, pois, se por um lado podemos compreendê-los como um contato de um povo antigo com outro mais desenvolvido tecnologicamente, não há como se afirmar se estes eram de fato extraterrestres como defende Däniken. Uma hipótese intermediária que cabe neste contexto entre o que ele entende como um contato imediato e os religiosos como uma revelação de Deus, há de se considerar a possibilidade desse contato ter ocorrido apenas entre *homens*, com outra civilização de alto grau de desenvolvimento cultural e tecnológico que habitava o próprio planeta Terra em período antecedente e/ou contemporâneo ao surgimento dos hebreus quando estes ainda compunham uma sociedade tribal, como descreve o autor:

“Enoch (...) viveu em uma época em que não se entendia nada de tecnologia moderna. Não havia como ele saber a respeito de naves-mãe, ônibus espaciais, faróis, alto-falantes, aparelhos de rádio, motores de expansão etc. Tudo (...) tinha de ser parafraseado para que pudesse ser descrito (...) ele (...) não tinha o vocabulário” (Däniken, 2013: 52-53).

Uma civilização tecnologicamente avançada o suficiente para dispor de “naves-mãe” ou “máquinas voadoras” – como se descreve no primeiro dos tópicos listados acima, quando Enoch é desinfetado e vestido com o que se supõe um traje espacial antes de embarcar na nave alienígena –, poderia facilmente confundir ou ludibriar uma cultura tribal, assim sendo interpretada ou representada pela perspectiva divina, ou, talvez, a referência bíblica do “homem como a imagem de Deus” nada mais seja do que uma descrição influenciada pelo deslumbramento de um povo arcaico perante outro extremamente complexo, cuja cultura e grande parte de seus conhecimentos se faziam ininteligíveis, sobrando a narrativa mítica como forma de perpetuar sua lembrança.

Uma hipótese submergida

Entre esses outros homens que habitaram a Terra antes dos hebreus e da própria história a partir da criação da escrita (o *Cuneiformes* do povo sumério datado de 3.500 a.C.), vem à tona a referência do continente perdido de Atlântida que, por sinal, Däniken menciona em sua obra se valendo dos célebres escritos do filósofo Platão como mais uma evidência de que, no passado, a Terra foi habitada por extraterrestres, todavia, desconsiderando a hipótese de que estes poderiam ser homens como os próprios hebreus – dois povos separados entre dois continentes como foram Europa e América durante os muitos séculos que antecederam o descobrimento do “novo mundo” a partir do século XV. Se partirmos do fato que os hebreus não possuíam conhecimento tecnológico ou vocabulário próprio para descrever os “deuses” ou “alienígenas” que os contataram, então poderiam facilmente confundir qualquer aparato, vestimenta ou veículo utilizado por um povo mais avançado, como uma manifestação de entidades divinas da mesma maneira que alguns povos indígenas americanos imaginaram ao se deparar com as naus dos exploradores europeus em um primeiro momento. Para um povo assim evoluído perante uma organização tribal, seria fácil conduzir uma farsa de que eles eram

deuses vindos das estrelas, e não homens provenientes de outra civilização terrestre. E se indígenas americanos já viveram na Terra sem o mínimo conhecimento das sociedades européias há cerca de 500 anos, o mesmo não poderia ter ocorrido há cerca de 6.000 anos quando data o nascimento do povo hebreu? E, da mesma forma que se pode analisar as descrições bíblicas como um contato imediato, assumindo como fato não só a existência de vida extraterrestre inteligente, bem como que esta um dia esteve visitando ou habitando nosso planeta, porque seria tão inverossímil a hipótese de ter existido uma civilização humana avançada que coabitou a Terra no mesmo período dos hebreus?

Essa civilização poderia ser Atlântida, cuja menção aparece não somente nos relatos de Platão, mas em várias literaturas antigas e textos religiosos sob diferentes perspectivas descritivas, além de existirem ruínas subaquáticas encontradas na região caribenha que podem um dia corroborar a sua existência caso surjam novas evidências – poder-se-ia dizer que esta seria uma hipótese concorrente a de Däniken, sendo amplamente defendida por outros estudiosos embora ainda não exista um conjunto de evidências factíveis que corroborem a existência do continente perdido, tão quanto – ou muito menos – a teoria dos astronautas antigos possui objetos empíricos que provem a proveniência do contato vivido por Enoch ser originário de outro planeta ou estrela.

Por outro lado, se conjecturarmos sobre a existência de uma civilização humana com alto grau de desenvolvimento contemporânea ao povo hebreu, precisamos nos perguntar por que eles não ocupavam todos os continentes do planeta da mesma forma como hoje ocupamos, assim sendo, em algum momento estando em contato com os próprios hebreus ou seus predecessores. Com isso em mente, podemos especular se o povo hebreu que viveu antes e depois do dilúvio, como conta a narrativa bíblica, não foi o que restou de uma civilização antiga que sucumbiu perante um cataclismo de proporções planetárias – segundo a bíblia, o dilúvio. Nesse sentido, a narrativa de Enoch não estaria relacionada com um contato alienígena, seria sim a descrição de uma antiga civilização que estava, de forma genérica, abandonando a Terra. Com essa interpretação, Enoch seria um símbolo dos homens que conseguiram fugir de seu apocalipse buscando refúgio nas estrelas, em detrimento àqueles que ficaram para trás, assim lhes restando, da melhor forma que fosse possível, preservar sua memória e o máximo de conhecimento que antes dispunham frente ao holocausto que os reduziu a condição tribal novamente – e tudo isso tomando palco em nossa pré-história. Nesse sentido, seja pela teoria dos astronautas antigos ou das civilizações perdidas, talvez o erro não esteja em nossa história, e sim na lacuna de informações e registros do largo período que a precedeu (que se estenderia a 20.000 a.C.), exceto aquilo que foi transmitido de forma oral até que a escrita que hoje contam nossas origens se desenvolvesse tal como a conhecemos e classificamos.

Esse “apocalipse”, o dilúvio, Däniken conjectura como uma ação dos alienígenas no planeta ou que estes dispunham de conhecimentos ou meios climatológicos capazes de prever tal acontecimento. Seguindo essa abordagem de pensamento, que perpassa a literatura hebraica com o olhar dos astronautas antigos, vimos que o autor assume o “sétimo dos patriarcas” como o seu Enoch – o seu astronauta –, que pertence a uma linhagem de líderes que perduram pelo período anterior e posterior ao dilúvio. Nesse contato com Enoch, seja este uma única figura, uma linhagem de patriarcas ou um símbolo de Israel, os “deuses” avisaram

os hebreus da vinda do dilúvio conforme rezam as histórias de Noé, quem construiu uma arca para que seu povo sobrevivesse ao holocausto aquático antevisto – há de se considerar se o errado dessa história estaria apenas no pressuposto de que foi vivida por homens, de refugiados de tal holocausto, o que explicaria o fato desse povo antigo, na medida do possível, ter salvo seus conhecimentos, pois queriam perpetuá-los frente ao declínio e desaparecimento da própria civilização. Se esta civilização foi Atlântida, não se sabe, por outro lado, existem mais evidências arqueológicas que batem com a hipótese da existência de culturas pré-históricas do que com a visita de seres extraterrestres ao nosso planeta.

Gadgets alienígenas

Uma reflexão sobre outros fatos destacados por Däniken na lista citada acima corrobora a interpretação de que Enoch teria contactado outra civilização humana, e não Deus ou extraterrestres. Por exemplo, a “caneta de escrita rápida” mencionada pelo autor: se imaginarmos que um homem atual contactasse um escriba ou filósofo do século XVI ou XVII, que escreviam com tinta e pena, e lhe apresentasse uma caneta *BIC*, esse escriba ou filósofo poderia descrevê-la como uma “caneta de escrita rápida”. E se a caneta de Enoch podia escrever em painéis de metal, talvez ela não fosse muito diferente das que se vê hoje, por exemplo, na final de um evento esportivo quando o nome do campeão é grafado em placas de metal junto à taça pouco antes de premiá-la ao vencedor.

Outra passagem destacada por Däniken a qual se vale para sustentar a defesa em relação à teoria dos astronautas antigos, faz referência a uma peça de pedra encontrada em uma ruína nos Andes peruanos a 3.180 metros do nível do mar, o templo Chavin de Huantár (Däniken, 2013: 200) cuja construção é atribuída aos ancestrais dos mórmons. A peça, *Stela Raimondi* (Däniken, 2013: 203), disposta no Museu Arqueológico de Lima, contém entalhes que, segundo análise de um engenheiro, Wolfgang Volkrodt, o que uns interpretam se tratar de imagens ou símbolos ligados a cultura e religião antiga, ele entende como uma planta técnica de um engenho muito similar a uma máquina a vapor com “lâminas de catraca, pistões rotativos, alavancas, molas e juntas de bola” (Volkrodt, 1991: 205 *apud* Däniken, 2013: 200).

A questão, mais uma vez gira em torno de nosso conhecimento atual: se um homem está reconhecendo uma tecnologia compatível com a sua própria, não faria mais sentido atribuí-la primeiramente como criação de outro homem ao invés de um alienígena ou deus? Um engenho a vapor não soa como algo do outro mundo, talvez se o painel contivesse uma planta de um acelerador de partículas ou algo mais complexo ligado à tecnologia espacial, como o esquema de um foguete, quem sabe um disco voador, seria mais factível se atribuir o engenho mencionado como a descrição de algo que não pertence a este mundo. De modo que, por mais que a análise esteja correta, não prova necessariamente se tratar de um conhecimento extraterrestre, no máximo, que já existiu no passado.

Querubins, geneticistas ou estupradores?

Uma menção de Däniken destaca a seguinte conduta dos astronautas antigos durante seu contato com os compatriotas de Enoch, que vai ao encontro da hipótese destes serem simples homens:

“E ocorreu, quando os filhos dos homens se multiplicaram, que naqueles dias nasceram filhas bonitas e formosas. Mas quando os anjos, os filhos do céu, viram-nas, cobiçaram-nas e disseram uns para os outros: ‘Venham, vamos escolher esposas entre as filhas dos homens e gerar filhos’” (Däniken, 2013: 61).

“(…) os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas e casaram-se com algumas que escolheram” (Däniken, 2013: 62).

Embora o entendimento da passagem acima seja bem claro, há quem os entenda de diferentes maneiras: os religiosos interpretam os seres divinos que copularam com mulheres como querubins, como os que fertilizaram as filhas de Adão e Eva, por exemplo. Da mesma forma, o livro de Enoch descreve uma relação entre mulheres e deuses, sendo estes personificados por querubins ou anjos caídos, dado que no contexto de sua história tal contato teria acontecido à revelia de Deus (ou o *chefe* da nave alienígena conforme interpreta Däniken). Há também os partidários da teoria dos astronautas antigos, que interpretam tais passagens bíblicas como uma descrição figurada do que seriam experiências genéticas conduzidas pelos alienígenas com os “espécimes” humanos que habitavam a Terra nos tempos antigos, e que a nossa atual compleição física como espécie seria o resultado dessas experiências passadas. Todavia, se analisarmos tais descrições, levando-se em conta apenas o que se sabe a respeito da história e do comportamento do Homem no avanço de sua civilização, não há como deixar de interpretar tal passagem comparando-a com fatos que conhecemos muito bem. São histórias de homens brancos copulando com ou mesmo estuprando índias dos povos tribais que encontravam em seu caminho, que recheiam os livros de história da colonização da América e outros continentes. Definitivamente, um estrangeiro que gera filhos em povos tribais é uma atitude que conhecemos bem, uma atitude típica do homem e que não podemos atribuir a deuses ou alienígenas desconsiderando a nossa própria natureza e história.

Outro achado da coleção de Crespi que apresenta indícios de um cruzamento genético dos hebreus com os “deuses alienígenas”, fosse por cópula ou manipulação genética, está em uma peça de metal em forma discóide (Däniken, 2013: 30) que se apresenta “decorado com espermatozoides estilizados, sóis sorrindo, o crescente de uma lua minguante, uma estrela grande e dois quadrados com faces semelhantes a do homem (Däniken, 2013: 31)”. Os sóis, espermatozoides e faces humanas aparecem em pares, uma possível representação de dois povos ou espécies, dois grupos cromossômicos e um casal: o que demonstraria o conhecimento antigo em relação à biologia reprodutiva humana sob a perspectiva de um povo antigo que não detinha os meios para sabê-lo durante a nossa pré-história. Entretanto, se considerarmos que essa peça realmente seria uma evidência do contato de Enoch e seu povo com os “deuses alienígenas”, o fato de retratar a sabedoria em torno da fecundação humana ou mesmo da existência de suas respectivas cadeias genéticas, sobretudo, primeiramente, há de se pensar que *não* retrata um conhecimento que o homem não seria capaz de desvendar – como nós na atualidade ou, hipoteticamente, outros homens de equivalente perspicácia no passado pré-histórico.

Mensagem continuada

Por fim, há outra consideração a se levantar antes de lançarmos a nossa resposta em relação ao título da obra de Däniken e darmos o nosso parecer em relação à história estar errada, como

afirma o autor, ou não. Uma consideração do próprio autor em um tópico por ele intitulado “Uma interpretação alternativa”, levanta a seguinte questão: “Como avisar nossos descendentes, daqui a 10.000 anos, sobre os perigos de um de nossos lixos nucleares? (Däniken, 2013: 185)”. Essa é uma questão contemporânea que, dada a suposição de que a linguagem não será mais a mesma com o avançar dos séculos e milênios, derivou em um amplo estudo semiótico para recomendar a criação de sinais de aviso em forma de símbolos e gráficos incluindo imagens mortuárias de criptas, além de especular sobre uma série de avisos alternativos dispostos próximos as áreas de dejetos e a necessidade de se transmitir o significado desses avisos ao longo do tempo, até mesmo a criação de um sacerdócio atômico foi sugerida – exatamente como teriam feito os “deuses-alienígenas” ao transmitir seus conhecimentos aos povos antigos e enfatizar a necessidade de perpetuá-los, o que tomou cabo por meio das crenças religiosas, é o que implica o autor em seu questionamento.

Däniken reforça esse pensamento citando as palavras de um ameríndio venezuelano durante um congresso indígena realizado em Montreal (1980), em referência a descoberta de jazidas de urânio no país na mesma ocasião:

“Na área onde meu povo vive (...) As montanhas eram fontes de grande poder e os sábios de nosso povo falavam de um material perigoso que estava escondido lá. Nossa tradição disse que, se essas montanhas fossem destruídas, uma grande infelicidade cairia sobre o povo” (Indiana prophezeien, 1980: 191 *apud* Däniken, 2013: 187).

Tomando esse questionamento do autor e partindo do pressuposto de que as pistas levantadas por ele descrevem um contato alienígena ocorrido com o povo hebreu, que, posteriormente, foi trazido para América por seus descendentes.

Coube a Enoch e as gerações de patriarcas por ele representados perpetuarem o conhecimento dos “deuses-alienígenas”, sendo a religião a instituição que fez navegar esses ensinamentos, que datam de 3.700 a.C. aproximadamente (mais ou menos o período em que Deus criou o universo segundo o velho testamento), até os dias atuais. Sabe-se que os povos antigos não tinham conhecimento científico e nem vocabulário para compreender ou descrever precisamente os ensinamentos que lhes foram passados, então que outra opção eles tinham para cumprir a missão que lhes foi dada se não passar de pai para filho tudo que sabiam, além de tentar preservar as escrituras que dispunham mesmo que não pudessem traduzi-las para um linguajar que hoje pudéssemos interpretar conforme desejavam seus mestres (fossem esses deuses, alienígenas ou homens).

O detalhe que nos faz supor se tratarem de homens revela-se quando o homem se depara com uma problemática similar nos dias atuais, ou seja, um objeto de análise que existe no âmbito dos limites da capacidade que hoje dispomos, por mais que não se consiga decifrar corretamente as mensagens do *Manuscrito Voynich* ou a planta da *Stela Raimondi*, e a tal biblioteca de metal escrita por Enoch nunca ter vindo a público.

Poderíamos simplesmente abordar essa questão com um exercício de reflexão: se uma catástrofe ocorresse em nível planetário e a sociedade humana atual fosse reduzida a esporádicos sobreviventes ao redor do mundo, ou seja, uma tragédia nas mesmas proporções do dilúvio conforme contam mitos de várias religiões. A estes sobreviventes, não haveria como

religar uma hidrelétrica ou manter ativo um sistema de abastecimento de água, todos retornariam a uma condição tribal de existência, obrigados a caçar, plantar e fazer fogo para sobreviver. Como esse povo contaria e perpetuaria a lembrança do mundo que foi destruído? Quanto sobraria para contar, quanta informação se perderia? Ao longo do tempo, das gerações, como soariam as histórias desse mundo perdido? De um tempo em que existiam aviões no céu e foguetes navegando para lua? Talvez soasse como algo divino e, posteriormente, antes que se descobrissem evidências desse mundo perdido por parte de outra civilização que por acaso viesse a prosperar, se imaginasse que tais descrições fossem de uma espécie alienígena que um dia esteve na Terra em contato com o homem, e se assim pensassem e narrassem a sua história, ela estaria errada.

Últimas considerações

Compreendida a nossa reflexão em torno da proposta de Däniken pelo título de sua obra, é preciso destacar que a história está correta, um tanto quanto distorcida talvez, mas, ao que tange os relatos bíblicos, por mais que lancem mão de uma linguagem mítica sob os parâmetros atuais da cientificidade e metodologia hoje utilizada: perfeitamente factível – há de se separar o joio do trigo em certas reedições ou compilações dos textos religiosos ao longo dos séculos, é bem verdade –, e, até, de se enaltecer o trabalho realizado pela religião em manter esses conhecimentos acessíveis até a contemporaneidade, entendendo que talvez não houvesse outro meio de fazê-lo que não fosse pela dogmatização dos mesmos. O próprio livro de Enoch destaca que os conhecimentos a ele passados somente seriam plenamente compreendidos pelas gerações futuras, assim sendo, nesse momento, cabe a ciência analisar e explicar esse legado de forma empírica longe do cabresto religioso ou outro qualquer, incluindo ela própria. Dizer que os cabalistas estão errados por atribuírem aos deuses o que seria, na verdade, um contato imediato com uma civilização extraterrestre é se substituir o dogma religioso por outro de base científica sem respeitar a característica que faz da ciência o único caminho para a revelação factual dessa passagem histórica: o método.

Essa visão, antes de concluirmos que um dia deuses ou extraterrestres estiveram na Terra em contato com os povos antigos, urge descartar primeiramente a hipótese de que este contato tenha sido realizado por “outros homens”, por uma civilização perdida. Só assim poderemos saber se a história está certa ou errada.

A parte final livro de Däniken compreende considerações do autor em torno das *Linhas de Nazca*, localizadas no Peru. Mais um dos conjuntos de pistas que o nosso Indiana Jones persegue no andamento da corrida pela caveira de cristal um dia deixada na Terra pelos deuses astronautas.

Referências bibliográficas

Atlântida, os Relatos de Platão em Timeus e Critias in

<http://profeciasoapiceem2036.blogspot.com.br/2010/09/atlantida-os-relatos-de-platao.html>, 11/11/2013.

DÄNIKEN, Erich Von. *A História Está Errada*. São Paulo: Ide@, 2013.

Indiana Jones e a Caveira de Cristal. Steven Spielberg. EUA: Lucasfilm, 2008.

“Indianer prophezeien den Untergang de wiBen Mannes”. Weser-Kurier, 21 de janeiro 1980.

SCHNEIDER, Daniel. *Cabala - O Misticismo Judaico Revelado*. Revista Super Interessante: Agosto de 2010 in <http://super.abril.com.br/religiao/cabala-misticismo-judaico-revelado-622423.shtml>, 27/11/2014.

WIKIPEDIA, A *Enciclopédia Livre*. <http://pt.wikipedia.org>, 04/12/2014

VOLKRODT, Wolfgang. *Es war ganz anders: Die intelligente Technik der Vorzeit*. Munich: Herbig Verlag, 1991.